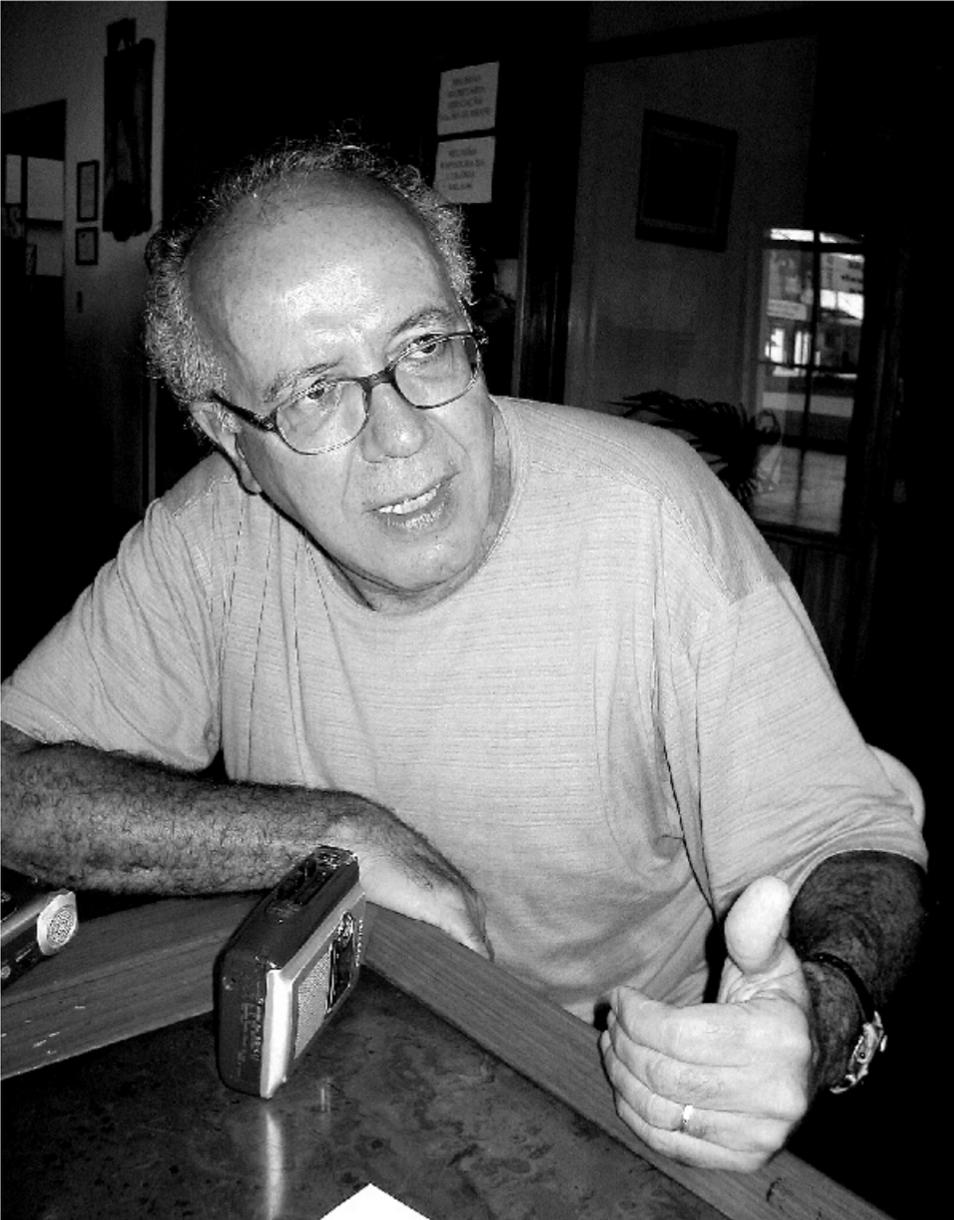


COM A PALAVRA

Vito Giannotti

FOTOS: ANA PAULA NOGUEIRA



A mídia é o sangue do poder

Aos 62 anos, o ítalo-brasileiro Vito Giannotti não desiste de seus ideais. Com uma experiência de vida recheada de momentos de resistência, ele continua sendo um ardoroso defensor das bandeiras de esquerda. Chegou ao Brasil no ano de 1964, trabalhou como metalúrgico em São Paulo, atuou no movimento sindical e foi preso pela ditadura militar. Dentre tantas peripécias foi um dos fundadores da Central Única dos Trabalhadores (CUT). Hoje, morando no Rio de Janeiro, pai de dois filhos e casado com a jornalista Claudia Santiago, Vito é um grande produtor de literatura que trata do sindicalismo no Brasil. É autor de 20 livros, entre eles, "A liberdade sindical no Brasil" (1987) e "Muralhas da linguagem" (2004). Atualmente, coordena o Núcleo Piratininga de Comunicação, com sede no Rio, que é uma espécie de Organização Não Governamental que procura discutir a comunicação no país, bem como apoiar os sindicatos na discussão sobre o papel da mídia. Em sua visita a Santa Maria, nos dias 18 e 19 de novembro, Vito Giannotti concedeu uma entrevista aos repórteres da SEDUFSM e também da ASSUFSM. Ele diz, entre outras coisas, que a imprensa não é um quarto poder, mas sim, um instrumento usado por quem detém o poder. O escritor também defende ardorosamente a "comunicação alternativa." Acompanhe a seguir:

PERGUNTAS & RESPOSTAS

Pergunta - O sr. analisa a imprensa não como sendo o quarto poder, mas o poder mais importante entre os demais (Executivo, Legislativo e Judiciário). De que forma a mídia exerce esse poder? Ao admitirmos toda essa força dos meios de comunicação não estaríamos subestimando a capacidade crítica das pessoas?

Resposta - Primeiramente, não acho que é um poder a mais, uma coisa à parte. Quando eu digo que não considero um quarto poder, é justamente por não ser mais um. Ela é o cimento, a gasolina, a alma, o sangue do poder. Não tem poder sem sangue, como não tem vida sem sangue, ou seja, tem o poder e tem a mídia. Não existe corpo sem sangue, um corpo sem sangue é um cadáver. *O poder sem mídia* hoje em dia não se constitui, não se consolida, não se mantém, não se sustenta. Então, quero dizer que a mídia tem muita importância e dizer que é central, é um adjetivo muito pequeno. O sangue não é central no corpo, é o corpo. A mídia é o instrumento na construção da hegemonia. Você tem o papel do convencimento e tem o papel de coerção. A coerção é o Estado com todos os aparelhos, todos os instrumentos, desde as leis que são o maior instrumento de coerção, depois tem a repressão puramente dita, o exército, todos os aparelhos que constituem a organização estatal. São as duas coisas combinadas que garantem a hegemonia, não é só o convencimento, não é só a língua, não é só a conversa. Obviamente que você tem que convencer as pessoas, mas para garantir a força e o poder, você tem que ter o poder de coerção, o poder da força para estruturar aqueles convencimentos em leis, em estruturas, em organismos da sociedade política, da sociedade estatal. Então, a imprensa é central nesse sentido. É a parte intimamente ligada ao poder, é o instrumento do poder, mas não é mais que um instrumento. É através da mídia que o poder constrói o convencimento e depois tem a outra parte que é a força que tem através da repressão ou das leis, do poder executivo, da polícia, do exército e companhia. Isso é o poder da hegemonia dominante que tem que ser rompido com uma contra-hegemonia, que implica na divulgação das nossas idéias.

P - Os meios de comunicação de uma forma geral têm a sua lucrati-

dade nos grandes anunciantes. Como se buscar jornalismo de qualidade com a empresa jornalística sendo "pressionada" pelo anunciante?

R - Uma empresa jornalística visa ao lucro como qualquer empresa, como a Johnson & Johnson fabricando camisinha ou a Bayer fabricando remédio. As empresas visam ao lucro, sem dúvida. Então, uma empresa jornalística visa ao lucro imediato e através dos anunciantes tem uma das suas grandes fontes de lucro, senão a grande fonte de lucro. Nesse sentido é evidente que os meios de comunicação nunca irão contra a Monsanto, nunca irão contra a Bayer, nunca irão contra o latifúndio e nunca irão contra o governo que passa a sua propaganda generosamente para esses meios de comunicação. Isso é a coisa mais direta, mais imediata. Mas tem um aspecto mais estrutural dessa vinculação entre a mídia e o sistema. Essa vinculação é uma vinculação de classe, quer dizer, os meios de comunicação tem um dono, dono tem classe e tem nitidamente sua visão de seus interesses de classe, ou seja, o grupo Abril tem interesse de classe a defender. O grupo Abril, o grupo Folha, a RBS, são tremendamente contra a reforma agrária, por isso que atacam a reforma agrária. Não é que eles tenham uma tara contra o MST. Eles são contra a reforma agrária, além de ter todos os preconceitos contra quem vem de baixo, contra quem não se veste com roupa de grife, contra quem é feio, sujo. Tem todo um preconceito de classe nisso. Mas, fora o preconceito de classe, eles têm uma posição clara: são contra a reforma agrária. Sempre atacam quem defende a reforma agrária. Então, além de fazer isso porque são sustentados economicamente tendo seus lucros imediatos nisso, eles têm um outro grande lucro. Um lucro que é manter a sociedade do jeito que está, que dará lucro para eles de mil maneiras, não só na empresa jornalística.

P - Apenas a mídia nacional, na tua visão, é submissa aos interesses do capital ou outros países obedecem a essa lógica do poder econômico?

R - Se tem o capitalismo é sinal que tem a mídia junto. Não há capitalismo sem mídia. A mídia mais submissa, mais escrava, mais dominada, é a mídia norte-americana. Toda a mídia dos Estados Unidos repetiu a pregação